

## MACAU UM SONHO ORIENTAL\*

---

*Carlos Alberto Moniz  
José Jorge Letria*

### SONHANDO...

Há muito, no horizonte longínquo da história, decorria o ano de 1513 quando Jorge Álvares pela primeira vez pisou solo macaense.

Longe estava o navegador de imaginar as voltas e reviravoltas que o minúsculo território viria a dar até ao fim do milénio, data próxima em que lhe foi marcado como destino a reintegração no vasto Império do Meio que, pacientemente, sempre o desejou.

Território de territórios, cultura de culturas, povo de povos, quotidiano de quotidianos, sortilégio de sortilégios, alegoria de alegorias, Macau partiu de uma justaposição estranha de dois mundos distintos, a ocidente e a oriente, à semelhança dos braços envolventes do delta lodoso em que mergulha a sua existência física, para amadurecer, ao longo dos séculos, uma vincada personalidade própria, uma espécie de *tertium genus* cultural, uma síntese original fruto de alquimia histórica cerzida na permanente encruzilhada de caminhos.

Em 1992, quando Aires Vicente, marinheiro português revisitado, se lança à aventura irreprimível da descoberta oriental repete-se o enigma.

O marinheiro obedece tão somente a um verdadeiro impulso de alma, ao chamamento luso para sulcar o desconhecido, apelo que não conhece calculismo nem descanso. Vicente como anteriormente Álvares, parte sem cuidar de prever minimamente o seu itinerário, o que o espera.

A história repete-se. São círculos concêntricos em que se sucedem encontros fantásticos, diálogos impossíveis, cumplicidades surpreenden-

---

\* A primeira edição deste CD, em 1993, teve o patrocínio do IPOR – Instituto Português do Oriente

tes, como se Macau contivesse nas suas entranhas a magia inesgotável de gerar incessantemente fusões maravilhosas, infinitamente mais ricas e portentosas que os elementos iniciais em choque.

Macau, um sonho confuso de Portugal, no dizer de Torga.

Tão confuso que se apresenta continuamente como um enigma insolúvel na equação pluricontinental da Pátria lusíada.

Porventura igualmente nebuloso para o gigante chinês que, debruçado sobre as colinas de Macau, assistiu incrédulo à misteriosa subida da jovem deusa A Má ao céu para interceder pelos pobres pescadores junto dos senhores que detêm o poder absoluto sobre os ventos e as chuvas, a água e o fogo, a vida e a morte.

Todavia, todos os enigmas têm a sua chave.

*Macau, Um Sonho Oriental* acaba por sugeri-la, sem achá-la.

Para o conseguir a fantasia deriva para a simbologia universal do génio humano, que não se contem em fronteiras espaço-temporais, antes faz apelo às linguagens expressivas das artes poética, dramática e musical.

Numa simbiose de sons, todos eles de lídima criação humana, propõe-se um código de referência univocamente português para penetrar o encantamento, sem o destruir nem cometer a aleivosia de inteiramente o pretender decifrar.

São respigos de costa a costa, do extremo ocidente ao extremo oriente, unidas em salgada nostalgia, feitos notas e palavras, gestos e mímica, representação e sugestão, que ecoam por um tempo intemporal e que ocupam um espaço indefinido. Como se no inexpugnável enigma que nele se agiganta, assim como na busca febril da sua chave, o *Sonho Oriental* contemplasse aquele mesmo cenário onírico que o poeta açoreano visionário, Antero, reconstrói sem fadiga na sua universal sonética ao mesmo título subordinada.

Os mares do Oriente.

A lua cheia.

A magnólia e a baunilha.

O mar com finas ondas de escumilha...

Roberto Carneiro, Dezembro de 1992

### **TRAÇO DE UNIÃO**

Poema onde está  
A palavra extrema  
Que une e reconhece  
Pois só no poema  
Um povo amanhece

Sophia de Mello Breyner Andersen, *Açores*

A Oriente	Peregrino
Amanheço	Boémio
Teimosamente	Aladino
Permaneço	E génio
Exilado	Homúnculo
Misteriosamente	Amortalhado
Ancorado	Crepúsculo
A Ocidente	Ensanguentado

Roberto Carneiro, 1992

O mais perfeito dos sons humanos é a palavra  
A poesia é a forma mais perfeita da palavra

Han Yu (768-824)

### **O SONHO ORIENTAL**

Sonho-me às vezes Rei, nalguma ilha  
Muito longe, nos mares do Oriente  
Onde a noite é balsâmica e fulgente  
E a lua cheia sobre as águas brilha

Antero de Quental, *Sonho Oriental*

## NÃO VÁS PARA O MAR HOMEM

### *Mulher*

Não vás pró mar homem  
prás ondas da perdição  
faz da casa o teu cais  
tens em mim a salvação

### *Aires Vicente*

Como posso eu ficar  
se o mar é meu destino  
é o rumo que eu sonhava  
quando era pequenino?

### *Mulher*

Pequenos são os filhos  
que ficam à tua espera  
podias ser calafate  
não marujo da quimera

### *Aires Vicente*

Como posso eu ficar  
se o Oriente me chama?  
Das ondas eu faço a casa  
e do mar a minha cama

### *Mulher*

Não vás pró mar homem  
tens aqui o teu sustento  
fica em casa não embarques  
não cedas ao chamamento

### *Aires Vicente*

Chamamento, dizes bem  
porque eu escuto uma voz  
que ao chamar-me só a mim  
chama cada um de nós

### *Aires Vicente/Mulher*

Ai que sina tão ingrata  
a deste amargo fado  
que tange cordas de prata  
de um amor desgarrado

## RUMANDO A ORIENTE

### ***Cantora e Coro***

Seguimos as rotas do mar  
em galeões, caravelas  
e lá fomos aportar  
ao porto do sonho das velas

A bordo de tudo um pouco  
um pouco de quase tudo:  
o escorbuto e a tormenta  
e um silêncio de veludo

### ***Coro***

*Foi uma onda do mar  
uma gaivota de vento  
que segredou Oriente  
com o timbre de um lamento*

### ***Cantora e Coro***

Velejámos, navegámos  
passámos rios a vau  
e vogando nos mares da China  
lançámos ferro em Macau

O mundo fez-se pequeno  
prá sede de navegar  
que levávamos a bordo  
nessas andanças do mar

### ***Coro***

*Foi uma onda do mar  
uma gaivota de vento  
que segredou Oriente  
com o timbre de um lamento*

### ***Cantora e Coro***

Marinheiros e soldados  
trocámos panos e espelhos  
por pimenta e por canela,  
pelo saber dos mais velhos

E ao touro do destino  
fomos pegá-lo de frente  
partimos do Bojador  
para as terras do Oriente

### ***Coro***

*Foi uma onda do mar  
uma gaivota de vento  
que segredou Oriente  
com o timbre de um lamento*

## AIRES VICENTE, UM MARINHEIRO PORTUGUÊS

### *Cantora*

E é aqui que aparece  
um marinheiro singular  
chamado Aires Vicente  
com muito para nos contar

Não vem nos livros de História  
nos anais da epopeia  
é um português vulgar  
com rosto de lua cheia

### *Aires Vicente*

Um dia eu quis embarcar  
em nau de grande calado  
pra tentar a minha sorte  
noutro lado

Nesse lado do mistério  
onde há cães feitos de jade  
e a tinta que é da China  
escreve nomes sem idade

### *Cantora*

Lá caminha Aires Vicente  
entre pontes e pagodes  
vendo velhos mandarins  
com os seus longos bigodes

Não falam a mesma língua  
mas fazem-se entender  
com os gestos e as vénias  
de quem se quer perceber

### *Aires Vicente*

Tudo espanta e surpreende  
nessa terra tão antiga  
onde encontro modos brandos  
na gente que me abriga

Também encontro piratas  
homens ferozes, brutais  
mas o que vejo e aprendo  
não o esquecerei jamais

### *Coro*

*Lá vai Aires Vicente  
marinheiro português  
prás rotas do Oriente  
lá vai Aires Vicente*

## OS BENS DE MACAU

### **Aires Vicente**

O que procuro eu aqui  
que a Índia não me dê?  
Não venho ao cheiro da canela  
ou do ouro que não se vê

Venho buscar outros bens  
para depois poder vender:  
as sedas e as lacas  
que fazem enriquecer

### **Coro**

*Tens um cantar viajante  
guiado pela voz do mar  
e bás-de ir a toda a parte  
onde o sonho te levar*

### **Aires Vicente**

Venho em busca do almíscar  
do brilho da porcelana  
e da tinta que se usa  
em penas feitas de cana

Dou em troca alguma coisa:  
o pano, a pólvora, a crença  
e este meu jeito malandro  
de quem diz sempre o que pensa

### **Coro**

*Tens um cantar viajante  
guiado pela voz do mar  
e bás-de ir a toda a parte  
onde o sonho te levar*

### **Aires Vicente**

O que procuro eu em mim  
que o sonho não me dê?  
Eu venho pela quimera  
e hei-de saber porquê

O que encontro eu aqui  
a Oriente de mim?  
Uma baía de jade  
num mar que não tem fim

### **Coro**

*Tens um cantar viajante  
guiado pela voz do mar  
e bás-de ir a toda a parte  
onde o sonho te levar*

## **NA GRUTA DE CAMÕES**

Macau, 10 de Junho de 1987

Tinhas de ser assim:  
O primeiro  
Encoberto  
Da nação.  
Tudo ser bruma em ti  
É claridade.  
O berço,  
A vida,  
O rastro  
E a própria sepultura.  
Presente  
E ausente  
Em cada conjuntura  
Do teu destino.  
Poeta universal  
De Portugal  
E homem clandestino

Miguel Torga, *Diário XV*



## **LUÍS VAZ DE CAMÕES**

### ***Aires Vicente***

Aqui o vejo agachado  
com a tristeza nos olhos  
já deve ter encontrado  
muitas penas, muitos escolhos

### ***Camões***

É verdade que encontrei  
na minha rota andarilha  
muitas mágoas, muitos medos  
também muita maravilha

### ***Cantora***

Isto escuta Aires Vicente  
do homem de ar cansado  
que usa roupa de nobre  
e traz um olho vendado

Do homem de voz amena  
que escreve palavras estranhas  
contando com a sua pena  
aventuras e façanhas

### ***Aires Vicente***

O meu nome é Aires Vicente  
sou marinheiro português  
tenho as estrelas por tecto  
e o mar inteiro a meus pés

### ***Camões***

Pois aqui onde me vês  
fui soldado, homem da corte  
sou Luís Vaz de Camões  
um poeta de má sorte

### ***Cantora***

Logo pede Aires Vicente  
para ler com avidez  
os versos de ouro e fogo  
de um destino português

### ***Camões***

Um dia talvez te deixe  
ler o que aqui escrevi  
este livro conta a história  
do que sonhei e sofri

## FREI TOMÉ DE JESUS

### *Frades/Coro*

E aparece neste canto  
todo feito de aventura  
um outro nome afamado  
que na memória perdura

É o de um frade escrivão  
que nos mostra a outra luz  
Macau, Malaca e Cantão:  
eis Frei Tomé de Jesus!

### *Frei Tomé de Jesus*

Viajei por muitas águas  
rio abaixo, rio acima  
vendo os mercadores fazer  
as fazendas com a China

Com os frades veio a cruz  
mais a promessa dos céus  
e Macau passou a ter  
também o nome de Deus

### *Cantora*

Era um Deus distante e raro  
esse Deus dos missionários  
bem distinto dos da China  
que são diferentes e vários

### *Frei Tomé de Jesus*

Das naus traziam pra terra  
o rumor de uma palavra  
que igual a um arado  
também rasga, também lavra

Muitos por lá se ficaram  
com o chão por sepultura  
e daqueles que voltaram  
foi gabada a aventura

### *Cantora*

Sai de cena Frei Tomé  
com o seu hábito de monge  
soletrando a língua mansa  
de quem veio de muito longe

## **LENGALENGA**

Adi pidi huva  
Pata pidi vento  
'Nhonha di Macau  
Veng pidi casamento

Casamento feto  
Na ponta di lenço  
Quim casa com preto  
Teng grandi sentimento

Io quiere p'ra vos  
Vos quiere p'ra otro  
Dios lo castiga  
Faze vosso olo torto

(Anónimo)

Chegados nós a este porto, surgimos no meio de uma angra que faz a terra junto de um pequeno ilhéu que demora ao sul da entrada da barra, onde nos deixámos estar sem salvarmos o porto nem fazermos estrondo nenhum, com determinação de, tanto que fosse noite, mandarmos sondar o rio e tomar informação do que pretendia saber.

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*

## O HOMEM DA “PEREGRINAÇÃO”

### **Coro**

O seu nome é tão falado  
na história da literatura  
que por vezes esquecemos  
que foi homem de aventura

### **Fernão Mendes Pinto**

De aventura e de viagem  
com o sol por astrolábio  
aprendi, cruzando os mares  
que o medo também é sábio

Não fui herói nem fui santo  
e se algum exemplo dei  
foi de uma vida sofrida  
nas histórias que contei

### **Coro**

*Da memória que guardaste  
do sonho e da comoção  
fizeste um livro andarilho  
chamado “Peregrinação”*

### **Fernão Mendes Pinto**

Numa carta que mandei  
escrita a bordo de uma nau  
em que usei em letra forte  
o nome de Ama-Cuau

Esse nome que eu escrevi  
lá nos confins da distância  
tinha o sabor da magia  
dos brinquedos da infância

### **Coro**

*Da memória que guardaste  
do sonho e da comoção  
fizeste um livro andarilho  
chamado “Peregrinação”*

### **Fernão Mendes Pinto**

Não me importo que me lembrem  
quando falam de Macau  
é pôr um nome de vento  
na proa de uma nau

Nas tormentas desta vida  
viajei de lés a lés  
dando asas navegantes  
ao meu sonho português

### **Coro**

*Da memória que guardaste  
do sonho e da comoção  
fizeste um livro andarilho  
chamado “Peregrinação”*

## COM O HAI-TU DE CANTÃO

### ***Cantora***

No Delta do Rio das Pérolas  
é que vai fazer aguada  
uma nau de nome santo  
depois de larga jornada

Vai a bordo um capitão  
Leonel de Sousa chamado  
que ao Hai-Tu de Cantão  
deixa dito o seu recado

### ***Leonel de Sousa***

O intento que nos move  
não é assunto de guerra  
vimos pra fazer comércio  
com as gentes desta terra

### ***Coro de Marinheiros***

Queremos falar de paz  
com palavras de harmonia

### ***Leonel de Sousa***

Sem o troar de canhões  
a manchar a luz do dia

### ***Coro***

Vemos de muito longe  
sem temer a tempestade  
marujos do oceano  
com a força da idade

### ***Leonel de Sousa***

Não queremos levar de volta  
no regresso de Cantão  
a resposta mais amarga  
que há na palavra “não”

### ***Coro de marinheiros***

Somos grandes navegantes  
do fundo mar oceano  
se a bandeira for de paz  
voltaremos cá pró ano

## PARA WANG LU

Li Bai entra no barco, vai partir  
De súbito ouvem-se passos e canções na margem.  
Tão profundas as águas do lago do pessegueiro em flor!  
Não tão profundas como o amor de Wang Lu.

*Poemas de Li Bai, tradução de António Graça de Abreu.*

## UM LEAL SENADO

### *Cantora*

Já acorda Aires Vicente  
com o estrondo da bombarda  
vendo correr homens de armas  
de mosquete e de farda

Ele próprio pega em armas  
para curar da defesa  
que andam barcos estrangeiros  
atacando a fortaleza

O receio desse assalto  
existia há muitos meses  
e agora eis que chegam  
os soldados holandeses

Querem tomar pela força  
a cidade tranquila  
dispondo para o ataque  
todos os barcos em fila

### *Coro*

Resistem os portugueses  
com raiva e com bravura  
como convém a quem entra  
numa história de aventura

Uns barcos são afundados  
outros vão em retirada  
e a bandeira portuguesa  
esvoaça na madrugada

### *Cantora*

No fim do árduo combate  
cai exausto Aires Vicente  
outra página se fecha  
no livro do Oriente

No livro das mil peripécias  
muito há para ser contado  
e Macau por ser leal  
ficou com um Leal Senado

## ELEGIA

Exilado olho para trás e suspiro  
Quando será que voltarei a casa?  
Regressam os pássaros aos ninhos onde nasceram  
E as raposas sobem aos montes para morrerem  
Exilado fui porque a lei não se cumpria  
Sempre esta mágoa, que não esqueço, dia a dia.

Qu Yuan, (340-278)

**UM HOMEM VINDO DE LONGE (SUN YAT SEN)**

***Cantora***

Um dia chega de longe  
um homem vindo da China  
que na terra de Macau  
vem exercer medicina

É médico e é amigo  
da gente que nada tem  
quer acabar com o império  
o seu nome é Sun Yat Sen

***Coro***

Defende a cura do corpo  
mas outra ideia o anima

***Cantora***

A de criar uma república  
para o seu povo da China

***Sun Yat Sen***

De Portugal eu admiro  
a lei, a Constituição  
e há uma lição que eu tiro  
do mundo em evolução

***Cantora***

Em Macau ficou erguida  
uma casa pra lembrá-lo  
aqui morou e viveu  
tem a História para julgá-lo

***Sun Yat Sen***

Uns nomes leva-os o vento  
ganham asas de dragão  
os outros lançam raízes  
na terra do coração.

## VIOLA CHINESA

Ao longo da viola morosa  
Vai adormecendo a parlenda,  
Sem que, amadornado, eu atenda  
A lengalenga fastidiosa.

Sem que o meu coração se prenda,  
Enquanto, nasal, minuciosa,  
Ao longo da viola morosa,  
Vai adormecendo a parlenda.

Mas que cicatriz melindrosa  
Há nele, que essa viola ofenda  
E faz que as asitas distenda  
Numa agitação dolorosa?

Ao longo da viola, morosa...

Camilo Pessanha,  
*Clepsidra e Poemas dispersos*.

## PESSANHA E PATRÍCIO

### *Cantora*

Se há uma Porta do Cerco  
outra haverá franqueada  
aos poetas que viajam  
com os livros da alvorada

Neste canto de aventura  
dois apetece lembrar  
Patrício, Camilo Pessanha  
com versos feitos de ar

Pessanha era juiz  
sabia da lei e da vida  
e escreveu um livro único  
com o nome de *Clepsidra*

Livro feito de sombras  
e de instantes de magia  
deu asas de eternidade  
à palavra poesia

António Patrício foi  
escritor e diplomata  
falou do mar e do fim  
com letras feitas de prata

Cantou o grande oceano  
com letras de mar e vento  
foi poeta, escreveu peças  
como quem lança um lamento

Macau foi a mesa larga  
para a festa dessa escrita  
foi distante e esteve perto  
numa saudade infinita



## **BOCAGE: O AMARGO RISO**

### ***Cantora***

E lá volta Aires Vicente  
desta vez para se encontrar  
com um poeta de Setúbal  
que a Macau foi aportar

### ***Aires Vicente***

Olá Manuel Maria  
que grande surpresa tenho  
ao ver-te aqui nesta terra  
nesse teu traje tão estranho

### ***Bocage***

Bom dia Aires Vicente  
se tal nome te aprouver  
podes chamar-me Bocage  
que não é nome qualquer  
  
É o nome de um poeta  
que entre doença e desgraça  
fez do soneto a maneira  
de erguer a voz na praça

Fui poeta e tradutor  
também fui guarda-marinha  
e vim parar a Macau  
nesta amarga, sina minha

Do que aqui vi não gostei  
e parti sem um ceitil  
rumando a Portugal  
em vez de ir para o Brasil

### ***Aires Vicente***

Pois bem, meu caro Bocage  
eu por cá ouvi dizer  
que eras rei das anedotas  
que fazem rir e doer

### ***Bocage***

Também pus nas anedotas  
certo ar da minha graça  
mas foi na poesia  
que verti dor e desgraça

## VENCESLAU DE MORAIS

### *Cantora*

Vem um homem de tão longe  
pra se sentir encontrado  
traz um destino de vento  
no seu kimono bordado

Do Oriente faz a casa  
e da errância uma sina  
e cada carta que manda  
escreve-a em tinta da China

Nenhum mistério lhe rouba  
o gosto que tem de inventar  
um mapa nas folhas de chá  
um rosto na luz do luar

Nos livros em que se conta  
também confessa a saudade:  
uma fénix que renasce  
com asas de eternidade

Vai de Macau pró Japão  
a terra dos samurais;  
na ilha dos seus amores  
está Venceslau de Moraes

## REGRESSO DE AIRES VICENTE

### *Cantora*

Nem sempre foram de paz  
os tempos aqui vividos  
houve meses de alvoroço,  
magoados e sofridos

Neste porto se cruzaram  
muitas gentes de outros mares  
malaios, mouros, cananins,  
os timores e os malabares

### *Aires Vicente*

São assim os portugueses  
um povo feito de povos  
que chegou ao Oriente  
experimentando rumos novos

Poemas e longas cartas  
em Macau foram escritos  
para descanso dos ausentes  
e consolo dos aflitos

E foi Macau cobiçado  
por outras gentes do mar:  
holandeses e ingleses  
que lá quiseram ficar

Em Macau foi seu intento  
instalarem feitorias  
para o comércio dos bens  
que levantam companhias

***Cantora***

Já prepara Aires Vicente  
a viagem de retomo  
com as velas enfunadas  
por um ar que é doce e morno

Não podem durar para sempre  
as viagens de aventura  
que o sonho navegante  
só é sonho enquanto dura

***Aires Vicente***

Começou por ser um porto  
para abrigo da pilhagem  
depois teve nome santo  
fez-se rota de viagem

***Aires Vicente/Cantora***

Embriagou de quimera  
as noites da marinhagem  
hoje traz ecos de sonho  
embalados pela aragem  
hoje traz ecos de sonho  
neste canto de viagem

***Tutti***

*Macau, Macau, Macau  
e o longe fez-se perto  
à proa de uma nau  
um destino feito de água  
para quem passou  
rios a vau  
à proa de uma nau  
Macau, Macau*